

Pensamento Estratégico de Agostinho Neto para a Segurança Nacional: uma abordagem histórico-literária

Adriano dos Santos¹

Resumo

Este estudo qualitativo tem como objectivo analisar o pensamento estratégico de Agostinho Neto para a segurança nacional. A análise partiu das políticas estabelecidas por Agostinho Neto para a unidade nacional, relações do exterior, bem como para a educação, tendo esta visão ficado entranhada na arte literária, observada a partir de alguns poemas escritos ainda na década de 1960. Nota-se que o pensamento estratégico de Agostinho Neto para a segurança nacional influenciou a actual lei de Defesa Nacional.

Palavras-chave: Pensamento Estratégico; Agostinho Neto; Segurança Nacional.

Introdução

O conceito segurança nacional começou a ser desenvolvido no séc. XVII como uma atribuição do Estado moderno. Foi precisamente no tratado de Westfália, em 1648, que foi atribuído ao Estado o monopólio do uso da força, assim como o estabelecimento e manutenção da ordem e da paz social. Para o exercício dessa função o Estado pode lançar mão do seu poder económico, militar e político, bem como do exercício da diplomacia, estabelecendo alianças, tratados e acordos internacionais.

Se se ler com atenção o pensamento estratégico de Agostinho Neto notar-se-ão preocupações acrescidas com as questões da segurança nacional, pensamento este desenhado antes do alcance da independência nacional. A excitação com as questões de segurança nacional foi tema nos discursos políticos e literários de Agostinho Neto

¹ Licenciado e Mestre em Ensino da História (2018) pelo Instituto Superior de Ciências da Educação - Luanda. Docente no Instituto Superior de Ciências Policiais e Criminais.

ainda nos anos de 1960, altura do início da luta armada de libertação nacional. Nesta cosmovisão levanta-se a seguinte pergunta de partida: qual foi o pensamento estratégico de Agostinho Neto para a segurança nacional?

O presente artigo tem como objectivo analisar o pensamento estratégico de Agostinho Neto para a segurança nacional. A base para este trabalho foi a pesquisa qualitativa fundamentada em levantamento bibliográfico, de forma analítica e documental, visando o embasamento teórico que suporta as considerações deste estudo. Analisou-se, então, o pensamento de Agostinho Neto para a unidade nacional, a educação e as relações do exterior como estratégias para a segurança nacional.

1. Unidade Nacional

Palavras de ordem - **“De Cabinda ao Cunene, um só povo e uma só nação”**.

Numa Angola recém-libertada, estas palavras de ordem foram significativas para a unidade do povo angolano. “Neto projectava uma sociedade nova onde brancos, mestiços e negros pudessem viver em conjunto e rejeitava a luta racial como princípio da luta anti-colonial”. (Rocha, 2001, p. 62). De acordo com Kajibanga (1998), Angola possui quatro espaços socioculturais que se distinguem da seguinte forma:

1. Espaço sociocultural Khoisan ou Hotontote-Bochimane, onde se inscrevem os povos Kede, Nkung, Bochimanes e Kazama;
2. Espaço sócio-cultural Vâtua ou pré-bantu, com os povos Kuissis e Kuepes;
3. Espaço sócio-cultural Bantu, donde encontramos os povos Ovimbundu (Umbundu), Ambundu (Kimbundu), Bakongo (Kikongo), Lunda Cômue (Cômue, Nganguela, Ovambo, Nyaneka, Humbe, Helelo, Axindonga e Luba);
4. Espaço sócio-cultural resultante do contacto com a cultura portuguesa.

Na concepção de vários cientistas sociais os diferentes grupos etnolinguísticos não formam uma única nação, pois fundamentam o

conceito de nação no uso comum da língua. Neste particular, o mosaico cultural que Angola possui, consubstanciado na diversidade linguística, faz de Angola um país mergulhado no meio de várias nações. Foram estas teorias que sustentaram o etno-nacionalismo, segundo o qual em Angola existem diferentes nações: a nação Ambundu de língua Kimbundu, a nação Ovimbundu de língua Umbundu, a nação Kongo de língua Kikongo, etc. Esta cosmovisão torna o país dividido em vários retalhos, tendo em conta as realidades dos espaços socioculturais.

Neto retoma a visão de um nacionalismo territorial², ou seja, ver Angola na dimensão territorial e não linguística ou étnica. Daí a palavra de ordem, “De Cabinda ao Cunene, um só povo e uma só nação”. Este é um princípio que conforma a carta da OUA, que incita os governantes africanos a manter as fronteiras herdadas do colonialismo.

Para Wheeler e Pélissier (2013, p.138):

O nacionalismo territorial surgiu quando os angolanos em geral, independentemente da sua raça ou grupo étnico, começaram a protestar e a resistir de um modo colectivo, ultrapassando as diferenças de raça e cultura e identificando-se com Angola como um todo e não com regiões particulares, como Ambaca, Benguela ou Congo.

O problema da unidade era, em Agostinho Neto, uma autêntica obsessão. (Carreira, 1996, p. 69). Foi nesta perspectiva que, à frente do MPLA, em 1963, procurou unir todos os movimentos de libertação nacional num único, a que chamou de FDLA (Frente Democrática de Libertação de Angola).

Carreira (1996) argumenta que logo que Neto assumiu a presidência do MPLA, iniciou reuniões com algumas organizações que se diziam angolanas e que tinham um carácter tribal. Entre essas organizações destacavam-se o MDIA (Movimento Democrático da Independência de Angola), o NGUISAKO (Acordo dos filhos do Kongo), a UNTA (União Nacional dos Trabalhadores Angolanos), NTO BAKO (Os Bakongos de Angola), ALIAZO (Aliance des Ressoritissants du Zombo) e outras.

² A questão do nacionalismo territorial foi apregoada no último quartel do séc. XIX, por José de Fontes Pereira.

Agostinho Neto procurou convencer os líderes destas organizações tribalistas (que, na maior parte, só se expressavam em francês) a abandonar as suas linhas tribais e seguir uma posição nacional. Muitos deles abandonaram as ideias tribais e juntaram-se a Neto, como foi o caso de Pascoal Luvualu e Bernardo Dombele, dirigentes da UNTA que viriam juntar-se ao MPLA. Este exercício aproximou as duas organizações, pelo que mais tarde a UNTA viria tornar-se sindicato do MPLA (Carreira, 1996).

Neto sabia muito bem que quanto mais unidos estivessem os angolanos, melhor poderiam lutar e vencer. Ele defendia que o colonialismo não cairia sem luta e que todos deviam participar na luta armada sem distinção de etnia, cor da pele ou sexo. Angola necessitava de vir a ser uma única Nação, de um só povo. No plano militar, no princípio da década de 1960 Neto compreendeu efectuar uma luta generalizada criando seis regiões militares:

- a) 1ª Região - abarcava as províncias de Luanda e Bengo;
- b) 2ª Região - abarcava a província de Cabinda;
- c) 3ª Região - Moxico e Kwando Kubango;
- d) 4ª Região - Malange, Lundas Norte e Sul;
- e) 5ª Região - Kwanza Sul, Huambo, Benguela e Bié;
- f) 6ª Região - Namibe, Huíla e Cunene (Mbah, 2010).

Para Mbah (2010), tal visão não ocorreu, por exemplo, a Holden Roberto, à frente da FNLA. Não obstante nesta altura contar já com apoio da O.U.A., confinou a sua luta nas regiões de S. Salvador (Mbanza Kongo) e de Carmona (Uíge). Esta luta não tinha dimensão nacional, visava libertar apenas as regiões integradas no antigo reino do Kongo e restaurar a antiga monarquia.

A criação das regiões político-militares permitiu a generalização da luta armada em todo o território angolano, atirando por terra os intentos do colonizador e unindo o país contra o agressor comum. Porém, se se tiver em atenção os desígnios dos colonizadores, dividir para melhor reinar, a unidade nacional em Agostinho Neto foi uma questão de segurança nacional. Não há e não haverá angolanidade sem unidade.

O pensamento estratégico de Neto para a segurança nacional é um legado que permanece até aos dias de hoje. Se se ativer a Lei n.º 2/93 de 26 de Março, sobre a defesa nacional, verifica-se a emanação do pensamento de Neto. O seu artigo 1.º tem o seguinte teor:

“A defesa nacional tem por objectivos garantir a independência nacional, a integridade territorial a liberdade e a segurança das populações contra qualquer agressão ou ameaça externa, no quadro da ordem constitucional instituída e do direito internacional.” (Diário da República, Sexta-Feira, 26 de Março de 1993, I Série - N.º 12)

Para Rosa (2010), a República de Angola como membro das Nações Unidas, União Africana e integrada nos blocos regionais da SADC e CEEAC, partilha as mesmas ameaças e riscos que afectam a estabilidade e a segurança de África, para além de outros factores internos e externos.

Como resultado de factores geopolíticos estratégicos e da instabilidade reinante em África, em particular, e no mundo em geral, as principais ameaças e riscos para Angola consubstanciam-se no seguinte:

A existência de fronteiras mal definidas em África continuará a ser fonte de disputas entre nações, decorrentes da descoberta de recursos minerais, com destaque para o petróleo, nas fronteiras marítimas da África do Oeste. Tal facto é já uma realidade no Golfo da Guiné, onde a Nigéria ocupa parcelas de território da República dos Camarões, e consegue impor a São Tomé e Príncipe, limites fronteiriços que beneficiam os seus interesses. Actualmente existem disputas fronteiriças com risco de eclosão de conflitos em África, a saber: o da Nigéria-Camarões, Benin, Níger, Guiné Equatorial-Gabão, Etiópia-Eritreia, Tchad-Sudão, República Democrática do Congo, Ruanda, Burundi e Uganda.

Em Agostinho Neto encontram-se estas preocupações, mesmo antes do alcance da independência nacional. Na cadeia de Aljube, o poeta emprestado à política e à medicina compunha o poema Depressa, e deixou inveterado o pensamento de defesa nacional.

2. Relações do Exterior

Palavra de ordem de Agostinho Neto:

“No Zimbabwe, na Namíbia e na África do Sul está a continuação da nossa luta”.

Estas palavras foram proferidas numa Angola já independente, pois Neto sabia que a segurança nacional depende em grande medida das boas relações que se podem estabelecer com os países vizinhos. Na altura em que foram proferidas estas palavras, no Zimbabwe estava implantado o regime de Ian Smith, que era nada mais do que o prolongamento do regime colonial, e na África do Sul, o regime do apartheid, que ocupava a Namíbia ilegalmente. Neto percebeu que a vitória do povo angolano só seria completa se estes países fossem libertados.

Todavia, o problema da segurança nacional através das relações exteriores em Agostinho Neto são anteriores à proclamação da independência nacional, pois ele sempre deu importância aos comités de ajuda dos países com que não podia ter relações de estado. Foram exemplares as suas relações com a Suécia, Noruega e Dinamarca, por intermédio de Organizações de Solidariedade, para estatais (Carreira, 1996).

Sendo Neto um homem de cultura assegurou a presença permanente de Angola nos fóruns do Movimento Tricontinental, dos Não-Alinhados e da Organização de Solidariedade Afro-asiática, inicialmente através de Mário Pinto de Andrade e depois, por vários anos, por intermédio de Costa Andrade Ndunduma. Em 1972 foi atribuído a Neto, pela sua obra literária, o maior galardão da Organização Afro-asiática: o Prémio Lotus (Carreira, 1996).

3. A Educação e a Arte Literária

Lema: **Estudar é um dever revolucionário**

O MPLA é fruto de um amplo movimento difundido através de um manifesto escrito em 1956 por Viriato Francisco Clemente da Cruz, onde ficou idealizada que a força do movimento residia no povo. Daí Neto ter difundido o pensamento segundo o qual “o mais importante é resolver os problemas do povo”.

Neto compreendeu que este povo tinha de ser educado e instruído para melhor defender os interesses do Estado. Sendo assim, quando os manuais do ensino colonial começaram a ser substituídos pelos da República Popular de Angola, por orientações saídas do Iº Congresso do MPLA, catapultaram a reforma educativa de 1977. No ensino primário destacava-se o texto sobre o menino Augusto Ngangula, que preferiu a morte a denunciar as bases do MPLA.

Começa aqui a ser implementada uma ideologia em defesa do estado, ou seja, o sacrifício deve ser em prol da maioria. Aliás, este ensinamento ficou inveterado nos seus trabalhos, como se observa no poema abaixo:

Assim clamava esgotado

Não direi nada

Nunca fiz nada contra vossa pátria

Mas vós apunhalastes a nossa

Nunca conspirei nunca falei com amigos

Nem com as estrelas nem com os deuses

...

Não direi nada

Mesmo que me ofereçam riquezas

Não direi nada

Mesmo que as palmatórias me esborrachem os dedos

Não direi nada

Mesmo que me ofereçam a liberdade

Não direi nada mesmo que me apertem a mão

Não direi nada mesmo que me ameacem de morte.

(Neto, 1988).

Cadeia da PIDE de Luanda, Junho de 1960.

Neto lança o mote em defesa da pátria e, nesta perspectiva, a pátria está acima de tudo, até da própria vida. Nesta ânsia, incitava o povo ao cumprimento do dever como factor da própria segurança, como se lê no poema:

Depressa

...

Não esperemos os heróis
Sejamos nós os heróis
Unindo as nossas vozes e os nossos braços
Cada um no seu dever
E defendamos palmo a palmo a nossa terra
Escorracemos o inimigo
E cantemos numa luta viva e heróica
Desde já
A independência real da nossa pátria.

(Neto, 1988).

Cadeia do Aljube de Lisboa, Agosto de 1960.

Outro ensinamento estratégico para a segurança nacional em Agostinho Neto ficou estampado no poema *Havemos de Voltar*. Nele, Neto ensina o orgulho pela nossa história, pelas nossas tradições culturais, pois ele sabia que o angolano não podia desenvolver-se num vazio cultural. A herança cultural eleva o orgulho nacional e, concomitantemente, a segurança nacional, pois um povo sem cultura está sujeito a qualquer tipo de dominação. Neto também incentivava o controlo dos nossos recursos naturais e a produção local para a nossa segurança nacional.

Considerações Finais

Observou-se que o pensamento estratégico de Agostinho Neto quanto à segurança nacional assentou nos esforços efectuados para a unidade nacional, colocando de parte as questões étnicas e olhando Angola numa dimensão territorial. Para a defesa do mesmo criaram-se seis regiões político-militares.

A pesquisa permite ainda entender que no pensamento de Agostinho Neto a segurança nacional só ficaria completa se os países limítrofes também estivessem livres, daí o mote: “No Zimbabwe, na Namíbia e na África do Sul está a continuação da nossa luta”. Outrossim, tem a ver com a educação inveterada nos manuais, onde estudar era um dever revolucionário.

Na verdade, a estratégia era alcançar a segurança nacional através da revolução científica, como fizeram muitos países, como o Japão e a Alemanha. Agostinho Neto começou a esboçar este pensamento desde os anos 60, como ficou patente nos seus poemas escritos a partir da cadeia de Aljube.

Referências Bibliográficas

- Carreira, I. (1996). *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Kajibanga, V. (1998). *Culturas Étnicas e Cultura Nacional. Uma Reflexão Sociológica Sobre o Caso Angolano*. Conferência In 2º Encontro dos Delegados da Igreja Católica dos Países Lusófonos. Luanda: Universidade Católica de Angola.
- Mbah, J. M. A. (2010). *As Rivalidades Políticas entre a FNLA e o MPLA*. Luanda: Mayamba.
- Neto, A. (1988). *Sagrada Esperança*. (10ª Ed). Luanda: U.E.A.
- Rocha, E. (2002). *Angola Contribuição ao Estudo da Génese do Nacionalismo Moderno Angolano*. Vol. II, Luanda: Kilombelombe
- Rosa, A. B. (2010). *A Política de Defesa de Angola. Comunicação proferida no IDN no dia 27 de Abril de 2010*. In Ciclo de Conferências Visões Globais para a Defesa. Luanda.

- Wheeler, D. & Pélissier, R. (2011). *História de Angola*. Lisboa: Tinta-da-china.

Legislação Consultada

- Diário da República, Sexta-Feira, 26 de Março de 1993, I Série - N.º 12